

OS FATORES DE ATRIBUIÇÃO NA RESPONSABILIDADE POR DANOS

André Fontes

Sumário

§1º Metodologia;

§2º Introdução;

§3º A responsabilidade por danos;

§4º Os fatores de atribuição;

§5º Os fatores de atribuição subjetivos;

§6º Os fatores de atribuição objetivos;

§7º Conclusões.

§1º Metodologia

Nas “Quintas Jornadas de Direito Civil” da Argentina, realizadas em 1971, na cidade de Rosário, a Quinta Comissão aprovou como conclusão que “a obrigação de ressarcir reconhece como regra os seguintes pressupostos: I) antijuridicidade; II) danos; III) causalidade; IV) fatores de atribuição”.¹

Passados vinte e sete anos desde a sua aprovação, continua desconhecida no Brasil a conclusão acerca dos “fatores de atribuição”.

Este ensaio visa a colmatar essa lacuna na literatura brasileira e a ordenar a sua compreensão sistemática. O trabalho se inicia com a determinação de um conceito. Partiu-se da premissa

¹ VÁZQUEZ FERREYRA, Roberto A.. *Responsabilidad por daños*. Buenos Aires: Depalma, 1994. p. 111.

de que todo o conhecimento é conceitual, seja ele científico ou do senso comum². Por conceito entendeu-se o significado que os fatores de atribuição teriam para o Direito³.

Considerou-se que este conceito seria substancial e fundado, expressando um valor de aplicação como regra de conduta social⁴, ainda que os conceitos jurídicos sejam predominantemente indeterminados⁵. A generalização do conceito e a sua capacidade de atender a vários ramos da Ciência Jurídica atribuem aos fatores de atribuição o predicado de verdadeira categoria jurídica⁶, porque aqui se propõe que eles sejam tidos como conceitos fundamentais com relação a certa ordem, servindo de apoio para a compreensão de determinada esfera do conhecimento⁷. Mas não se trata de categoria puramente abstrata, que mais se situaria no campo da lógica, e sim de categoria concreta, baseada em componentes factuais, como toda base mesma do sistema categorial jurídico⁸.

A existência de um nome ou designação (*rectius*: termo), representando aquele conceito⁹, isto é, distinguindo o conceito da sua expressão verbal ou simbólica, é algo determinante. Aqui o termo é usado como expressão de um conceito¹⁰. A fim de tornar

² COSTA, Newton da. *Lógica Indutiva e Probabilidade*. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 11.

³ COSTA, Cláudio Ferreira. *Filosofia Analítica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992. p. 14.

⁴ BIELSA, Rafael. *Metodologia Jurídica*. Santa Fé: Editora Castellvi, 1961. p. 69.

⁵ ENGLISH, Karl. *Introdução ao pensamento jurídico*. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988. p. 208.

⁶ RIVERO, Jean. *Curso de Direito Administrativo Comparado*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1990. p. 56.

⁷ TERAN, Juan Manuel. *Filosofia del Derecho*. 5. ed. Cidade do México: Editorial Penna, 1971. p. 87.

⁸ DIMAS, Lemus. *Hacia una Teoria General del Patrimonio*, trabalho guatemalteco perante o XII Congresso Internacional de Notariado Latino. Buenos Aires, 1973. p. 25.

⁹ HEMPEL, Carl G. *Filosofia da Ciência Natural*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970. p. 109.

¹⁰ VIRIEUX-REYMOND, Antoinette. *La Logica Formal*. Buenos Aires: Libreria El Ateneo Editorial, 1976. p. 14.

mais preciso o objeto, empregou-se um termo particular¹¹ ou singular¹² para os “fatores de atribuição”. Entendeu-se por termo particular um nome específico. Dessa forma, permitiu-se que os “fatores de atribuição” assumissem uma existência própria por meio da linguagem¹³. A designação é decisiva para a afirmação de uma teoria e tão difícil quanto instruí-la é nominá-la¹⁴, pois o homem tem mais propensão para idéias do que para inventar palavras¹⁵.

Adotou-se como critério de classificação dos fatores de atribuição o conteúdo¹⁶, já usado na literatura argentina, pois o instituto é unicompreensivo dos seus aspectos subjetivos e objetivos¹⁷.

Nosso método de investigação baseou-se na chamada Teoria Perspectivista. Assim, na elaboração deste ensaio considerou-se o conjunto de pontos de vista, desde os quais esta adquire uma significação potenciada, esgotando, até os limites do possível, a totalidade da visão do tema¹⁸. Dentre as perspectivas possíveis no Direito, optou-se pela jurídico-positiva¹⁹.

§2º

Introdução

O prejuízo que alguém causa a outrem constitui um dano²⁰. Como, em sentido amplo, toda atividade determina algum sacrifício ou prejuízo, normalmente esse dano integra o conteúdo do

¹¹ HEMPEL, Carl G. *Op. cit.* 109.

¹² LIARD, L.. *Lógica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963. p. 15.

¹³ CUPIS, Adriano de. *Osservatorio sul Diritto Civile*. Milão: A. Giuffrè, 1992. p. 39.

¹⁴ RUMNEY, Jay, MAIER, Joseph. *Manual de Sociologia*. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 164.

¹⁵ DE TOCQUEVILLE, citado por Rumney e Maier, *op. cit.* p. 164.

¹⁶ BIELSA, Rafael. *Op. cit.* p. 188.

¹⁷ VÁZQUEZ Ferreyra, Roberto A.. *Op. cit.* p. 195.

¹⁸ MARIN PEREZ, Pascual. *Manual de Introduccion a la Ciencia del Derecho*. 2. ed. Barcelona: Bosch, 1968. p. 68

¹⁹ MARIN PEREZ, Pascual. *idem.* p. 27.

²⁰ TORRENTE, Andrea; SCHLESINGER, Piero. *Manuale di Diritto Privato*. 12. ed. Milão: Giuffrè. p. 695.

tráfico jurídico como dano de natureza econômica²¹. Entretanto, os riscos do tráfico compreendem outros danos, causados por prejuízos injustos²², que causam a lesão a um interesse merecedor de tutela jurídica²³ e atingem o equilíbrio das relações exigindo a sua recomposição. São danos que derivam de um comportamento anômalo que atingem a esfera jurídica alheia²⁴. A probabilidade de esses danos ocorrerem se agrava pela complexidade dos casos resultantes do constante progresso social²⁵, que torna impossível a precisa indicação, por meio de tipos legais, da pluralidade dos fatos que devem ser qualificados como injustos, e que impõe, no enunciado legal, a diretriz máxima de duas cláusulas gerais: o princípio da atipicidade do ilícito civil²⁶ e o princípio do ressarcimento de todo dano qualificado como injusto²⁷. Esse ressarcimento é de cariz tão-somente indenizatório e não preventivo ou punitivo²⁸, motivo pelo qual jamais deve se tornar um meio de enriquecimento ilegítimo para a vítima²⁹.

Do fato causador do dano injusto nasce a obrigação de indenizar. Essa relação obrigacional vista da parte do credor é qualificada como direito subjetivo³⁰. Na concepção civilística, esse

²¹ ALPA, Guido. *Istituzioni di Diritto Privato*. 2. ed. Turim: UTET, 1997. p. 1096.

²² TRABUCCHI, Alberto. *Istituzioni di Diritto Privato*. 31. ed. Pádua: CEDAM, 1990. p. 189.

²³ BARBERO, Domenico. *Il Sistema del Diritto Privato*. 2. ed. Turim: UTET, 1992. p. 854.

²⁴ BESSONE, Mario *et alii*. *Istituzioni di Diritto Privato*. 3. ed. Turim: Giappichelli, 1996. p. 945.

²⁵ PEREIRA, Caio Mário da Silva. *Instituições de Direito Civil*, vol. III. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997. p. 363.

²⁶ TORRENTE, Andrea; SCHLESINGER, Piero. *Op. cit.* p. 695.

²⁷ GALGANO, Francesco. *Diritto Privato*. 5. ed. Pádua: Edizioni Cedam, 1988. p. 341.

²⁸ ASÚA GONZÁLEZ, Clara *et alii*. *Manual de Derecho Civil*, vol. II. Madrid: Ed. Marcial Pons, 1996. p. 450.

²⁹ GEORGIN, Charles. *Notions Élémentaires de Droit Civil*. 7. ed. Paris: Éditions Eyrolles, 1947. p. 337.

³⁰ CZACHÓRSKI, Witold. *Il Diritto delle Obbligazioni*. Nápoles: Edizioni Scientifiche Italiane, 1980. p. 29.

credor tem duas espécies de poderes: (a) o direito à prestação (direito subjetivo) e (b) o poder de exigí-la (pretensão)³¹. Ao direito subjetivo de ser indenizado corresponderá uma pretensão³² (ou mesmo múltiplas pretensões³³, ou seja, o poder de exigir a indenização do causador³⁴.

Sujeitam-se a esse tipo de injusto duas classes de situações: (a) a situação econômica (gerando o dano patrimonial) e (b) a situação psicofísica (gerando o dano moral). A ambas assegura-se a reparação dos danos mediante indenização pretendida pelas vítimas ao causador do prejuízo. O agressor sujeita-se ao dever de indenizar com base na idéia de que a liberdade do homem traz implícita a responsabilidade - inclusive patrimonial - por seus atos³⁵.

Todo esse fenômeno é designado de responsabilidade por danos.

§3º

A responsabilidade por danos

A responsabilidade é uma conquista da civilização³⁶. Evoluiu de sua forma clássica, fundamentada na culpa e vem se sujeitando a inovações conceituais e se moldando em torno da Teoria do Risco. Deste modo, hoje se caminha no sentido de exigir tão-somente a existência de nexos causal entre o evento ocorrido e o

³¹ COMPARATO, Fábio Konder. *Natureza do Prazo Extintivo da Ação de Nulidade do Registro de Marcas*. Revista de Direito Mercantil, São Paulo, 77. p. 58.

³² KOHLER, Josef. *Lehrbuch der Rechtsphilosophie*. Berlin und Leipzig: Dr. Walther Rothschild, 1909. p. 56.

³³ MEDICUS, Dieter. *Allgemeiner Teil des BGB*. 4., neubearbeitete Auflage. Heidelberg: Müller, Jur. Verl., 1990. p.34.

³⁴ WOLF, Ernst. *Allgemeiner Teil des bürgerlichen Rechts*. Lehrbuch. 3., erw. Aufl. Köln; Berlin; Bonn; München: Heymann, 1982. p. 120.

³⁵ VALLET DE GOYTISOLO, Juan. *Panorama del Derecho Civil*. 2. ed. Barcelona: Bosch, 1973. p. 221.

³⁶ PEREIRA, Caio Mário da Silva. *Instituições de Direito Civil*, vol. III. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1997. p. 363.

dano conseqüente³⁷. Até mesmo o seu fundamento começa a ser alinhado a partir de novas concepções filosóficas, como o personalismo ético, entendido aqui como forma de ter o agente responsável, por assumir as conseqüências do próprio agir segundo as bases éticas³⁸.

Entretanto, a responsabilidade por danos é regularmente tratada como um complexo de três requisitos: (a) uma atividade (requisito subjetivo), (b) um nexó de causalidade (requisito formal) e (c) um dano (requisito objetivo). No Direito Privado o primeiro requisito (a atividade) deve ser qualificado normalmente como culposó.

No atual conhecimento do tema, entende-se serem funções da responsabilidade por danos: (i) a afirmação do poder estatal; (ii) a sanção; (iii) a prevenção; (iv) o ressarcimento³⁹.

Nessa perspectiva, as mudanças sociais e o anseio de justiça ideal impõem a evolução desses conceitos, bem como exigem que a responsabilização busque soluções que não se afastem dos seus próprios fundamentos, logrando sempre a reparação de todo o dano injusto, e não simplesmente sancionar a culpa⁴⁰, o que exigiria a própria superação do termo “responsabilidade civil” por “responsabilidade por danos”⁴¹, preferido na designação deste trabalho.

§4º

Os fatores de atribuição

Por “fatores de atribuição” se entende “o fundamento da obrigação indenizatória que atribui juridicamente o dano a quem deve indenizá-lo”⁴². Diante de um dano injusto ocorrido, “o fator

³⁷ VÁZQUEZ FERREYRA, Roberto A. *Op. cit.* pp. 362-363.

³⁸ AMARAL, Francisco. *Direito Civil brasileiro. Introdução*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1991. p. 596.

³⁹ ALPA, Guido. *Op. cit.* 1096.

⁴⁰ VÁZQUEZ FERREYRA, Roberto A. *Op. cit.* p.245.

⁴¹ *idem.* p. 245.

⁴² VÁZQUEZ FERREYRA, Roberto A.. *Op. cit.* p. 194.

de atribuição nos dará a última resposta acerca de quem e porque o deve suportar”⁴³. “Ao se falar de fator de atribuição se faz menção ao fundamento de que a lei toma em consideração para se atribuir juridicamente a obrigação de indenizar um dano, fazendo recair seu peso sobre quem em justiça corresponde”⁴⁴. Constitui a “razão especial” que estabelecerá a quem se deve impor as consequências do dano⁴⁵. Constituem os fatores de atribuição a resposta à seguinte questão: por que da obrigação de indenizar?⁴⁶

Seriam, pois, os “fatores de atribuição” um pressuposto da obrigação de ressarcir, junto com a ilicitude, o dano, a causalidade e outras partes de natureza complementar integrante do sistema jurídico⁴⁷.

Sob certa ótica, os “fatores de atribuição” poderiam ser compreendidos como um risco criado pela existência ou atuação de determinado grupo⁴⁸.

O termo no plural se justificaria na idéia de um catálogo amplo e aberto no qual se incluem critérios subjetivos e objetivos⁴⁹. Assim, não se limitariam aos casos de responsabilidade subjetiva⁵⁰.

A evolução da responsabilidade por danos alcançaria, assim, com os “fatores de atribuição”, a última etapa de seu desenvolvimento, substituindo a culpa (fundamento comum inicial) como critério básico do sistema ressarcitório, dada a insuficiência dos seus resultados⁵¹.

⁴³ idem. p. 193.

⁴⁴ idem. p. 193

⁴⁵ idem. p. 193.

⁴⁶ idem. p. 193.

⁴⁷ BAIGÚN, David e BERGEL, Salvador Dario. *El fraude en la administración societaria*. Buenos Aires: Ed. Depalma, 1988. p. 104.

⁴⁸ MOSSET ITURRASPE, Jorge. *Responsabilidad por daños*. Santa Fé: Rubinzal-Culzoni Editores, 1992. p. 59.

⁴⁹ VÁZQUEZ FERREYRA, Roberto A. *Op. cit.* p. 113.

⁵⁰ idem. p. 113.

⁵¹ GESUALDI, Dora Mariana. *Responsabilidad civil: factores objetivos de atribución, relación de causalidad*. Buenos Aires: Ed. Ghersi-Carozzo, 1987. pp. 15-16.

A culpa é compreendida como um dos fatores de atribuição, ao lado do risco criado, a equidade, a garantia dentre outros⁵².

Os “fatores de atribuição” subjetivos se baseiam exclusivamente na culpa e no dolo⁵³. Porém, é de se notar que a referência aos fenômenos que compreendem o conteúdo dos “fatores de atribuição” objetivos (como a solidariedade e a equidade, dentre outros) é meramente enunciativa, sujeita a constante expansão.

§ 5º

Os fatores de atribuição subjetivos

Por fatores subjetivos de atribuição se entende aqueles “que têm em conta a análise valorativa da conduta do autor do prejuízo”⁵⁴. Decorrem de qualquer ato voluntário dirigido ao fato causador do dano⁵⁵, podendo tal comportamento danoso ser reprovado a título de culpa ou ainda de dolo.

Os únicos fatores subjetivos de atribuição são: (a) a culpa e (b) o dolo⁵⁶. Esses, por sua vez, são modalidades fundamentais que compõem a culpa em sentido amplo⁵⁷, já que se torna inicialmente irrelevante a distinção em Direito Civil, por mensurar-se o dano e não o ânimo do agente⁵⁸. Em sentido lato, a culpa é presumido e medida da imputabilidade⁵⁹, mesmo entendida como fator de atribuição⁶⁰. No entanto, por não constituírem requisito

⁵² Para um exame do processo histórico que redundou nos fatores de atribuição, veja-se PIZZARRO, Ramón Daniel. *Responsabilidad por el riesgo o vicio de la cosa*. Buenos Aires: Universidad, 1983.

⁵³ VÁZQUEZ FERREYRA, Roberto A.. *Op. cit.* p. 197

⁵⁴ VÁZQUEZ FERREYRA, Roberto A.. *Op. cit.* p. 196.

⁵⁵ *idem.* p.196.

⁵⁶ *idem.* p. 196.

⁵⁷ TELLES, Inocêncio Galvão. *Direito das Obrigações*. 6. ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1989. p. 341.

⁵⁸ PEREIRA, Caio Mário da Silva. *Instituições de Direito Civil*, vol. I. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1993. pp. 452-453.

⁵⁹ DUSI, Bartolomeo. *Istituzioni di Diritto Civile*. 2. ed. Turim: G.Giappichelli, 1937. p. 168.

⁶⁰ VÁZQUEZ FERREYRA, Roberto A. *Op. cit.* p. 248⁶¹ VÁZQUEZ FERREYRA, Roberto A.. *Op. cit.* p. 207.

presente em toda e qualquer responsabilidade, os fatores subjetivos não são exigidos na responsabilidade objetiva: em verdade, são eles forma de classificação de conhecimento do fenômeno, e não meio de sujeição da realidade.

§ 6º

Os fatores de atribuição objetivos

Em linhas gerais recebem a designação de fatores objetivos de atribuição toda série aberta de critérios legais de imputação que justificam a imposição de dano a determinado agente⁶¹.

São assim designados porque contrastam com os fatores subjetivos⁶². Estão categorizados como objetivos porque dispensam a valoração da conduta do agente causador do dano⁶³, tornando irrelevante a voluntariedade e a culpabilidade⁶⁴, pois o fundamento da reparação está assentado numa causa externa, diversa do juízo de valoração que exigia o comportamento danoso⁶⁵.

Não se esgotam no fenômeno denominado de “risco criado”⁶⁶, pois constituem um catálogo aberto e dinâmico que se amplia por toda obra legislativa ou mesmo jurisprudencial ou doutrinária⁶⁷, ainda que essa não-taxatividade seja dirigida ao futuro⁶⁸.

Tendem os fatores de atribuição em sentido objetivo a serem relatados apenas em rol enunciativo, pela dinâmica na inclusão dos novos critérios decorrentes da criação jurisprudencial, que vem reconhecendo os novos e avançados fatores objetivos próprios da socialização dos danos, já agora com critério não somente de conotação jurídica, mas, também econômica⁶⁹.

⁶² idem. p. 196.

⁶³ idem. p. 207.

⁶⁴ idem. p. 196

⁶⁵ idem. pp. 196-197.

⁶⁶ idem. p. 207.

⁶⁷ idem. p. 196.

⁶⁸ idem. p. 196.

⁶⁹ idem. p. 197.

No estado atual do conhecimento acerca dos fatores objetivos de atribuição, enumera-se os seguintes fenômenos⁷⁰:

- a) a solidariedade;
- b) a seguridade social;
- c) o risco criado;
- d) a equidade;
- e) a garantia e tutela especial do crédito;
- f) igualdade dos ônus públicos;
- g) seguro;
- h) critérios econômicos.

Todavia, é intuitivo que novas áreas estão vocacionadas para contribuir na elevação do rol de fatores objetivos, como a defesa do consumidor, o meio ambiente e a situação de titular do poder de controle de situações empresariais ou complexas como, por exemplo, na subcontratação.

§ 7º Conclusões

1 - O fator de atribuição nada mais é que o fundamento da reparação pela socialização do risco.

2 - Constitui uma forma de consolidar a responsabilidade por danos, em decorrência das mudanças sociais, com a superação da tradicional responsabilidade civil.

3 - Integra um juízo normativo em branco, capaz de ser completado por novas fórmulas identificadas na realidade social.

4 - Visa a legitimar os novos critérios de responsabilização, elencados e denominados de fatores objetivos de atribuição.

⁷⁰ VÁZQUEZ FERREYRA, Roberto A. *Op. cit.* p. 207.

Bibliografia

- ALPA, Guido. *Istituzioni di Diritto Privato*. 2. ed. Turim: UTET, 1997.
- AMARAL, Francisco. *Direito Civil brasileiro - Introdução*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1991.
- ASÚA GONZÁLEZ, Clara et alii. *Manual de Derecho Civil*. Madrid: Ed. Marcial Pons, 1996.
- BAIGÚN, David e BERGEL, Salvador Dario. *El fraude en la administración societaria*. Buenos Aires: Ed. Depalma, 1988.
- BARBERO, Domenico. *Il Sistema de Diritto Privato*. 2. ed. Turim: UTET, 1992.
- BESSONE, Mario et alii. *Istituzione di Diritto Privato*. 3. ed. Turim: Giappichelli, 1996.
- BIELSA, Rafael. *Metodologia Juridica*. Santa Fé: Editora Castellvi, 1961.
- COMPARATO, Fábio Konder. *Natureza do Prazo Extintivo da Ação de Nulidade do Registro de Marcas*. Revista de Direito Mercantil, São Paulo, 77: 57-64, janeiro-março. 1990.
- COSTA, Cláudio Ferreira. *Filosofia Analítica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- COSTA, Newton da. *Lógica Indutiva e Probabilidade*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- CUPIS, Adriano de. *Osservatorio sul Diritto Civile*. Milão: A. Giuffrè, 1992.
- CZACHÓRSKI, Witold. *Il Diritto delle Obbligazioni*. Nápoles: Edizioni Scientifiche Italiane, 1980.
- DIMAS, Lemus. *Hacia una Teoria General del Patrimonio*, trabalho guatemalteco perante o XII Congresso Internacional de Notariado Latino. Buenos Aires, 1973.
- DUSI, Bartolomeo. *Istituzioni di Diritto Civile*. 2. ed. Turim: G. Giappichelli, 1937.
- ENGLISH, Karl. *Introdução ao pensamento jurídico*. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

- GALGANO, Francesco. *Diritto Privato*. 5. ed. Pádua: Edizioni Cedam, 1988.
- GEORGIN, Charles. *Notions Élémentaires de Droit Civil*. 7 ed. Paris: Editions Eyrolles, 1947.
- GESUALDI, Dora Mariana. *Responsabilidade Civil: fatores objetivos de atribuição, relação de causalidade*. Buenos Aires: Ed. Ghessi-Carozzo, 1987.
- HEMPEL, Carl G. *Filosofia da Ciência Natural*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.
- KOHLER, Josef. *Lehrbuch der Rechtsphilosophie*. Berlin und Leipzig: Dr. Walter Rothschild, 1909.
- LIARD, L. *Lógica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.
- MARIN PEREZ, Pascual. *Manual de Introduccion a la Ciencia del Derecho*. 2. ed. Barcelona: Bosch, 1968.
- MEDICUS, Dieter. *Allgemeiner Teil des BGB*. 4., neubearbeitete Auflage. Heidelberg: Müller, Jur. Verl., 1990.
- MOSSET ITURRASPE, Jorge. *Responsabilidade por danos*. Santa Fé: Rubinzal-Culzoni Editores, 1992.
- PEREIRA, Caio Mário da Silva. *Instituições de Direito Civil*, vol III. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- PIZZARRO, Ramón Daniel. *Responsabilidade por el riesgo o vicio de la cosa*. Buenos Aires: Universidad, 1983.
- RIVERO, Jean. *Curso de Direito Administrativo Comparado*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1990.
- RUMNEY, Jay; MAIER, Joseph. *Manual de Sociologia*. 9.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- TELLES, Inocêncio Galvão. *Direito das Obrigações*. 6. ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1989.
- TERAN, Juan Manuel. *Filosofia del Derecho*. 5. ed. Cidade do México: Editorial Penna, 1971.
- TORRENTE, Andrea; SCHLESINGER, Piero. *Manuale di Diritto Privato*. 12. ed. Milão: Giuffrè.
- TRABUCCHI, Alberto. *Istituzioni di Diritto Privato*. 31. ed. Pádua: CEDAM, 1990.

- VALLET DE GOYTISOLO, Juan. *Panorama del Derecho Civil*. 2. ed. Barcelona: Bosch, 1973.
- VÁZQUEZ FERREYRA, Roberto A. *Responsabilidad por daños*. Buenos Aires: Depalma, 1994.
- VIRIEUX-REYMOND, Antoinette. *La Logica Formal*. Buenos Aires: Libreria El Ateneo Editorial, 1976.
- WOLF, Ernst. *Allgemeiner Teil des bürgerlichen Rechts*. Lehrbuch. 3., erw. Aufl. Köln; Berlin; Bonn; München: Heymann, 1982.